

ENTRELAÇANDO SENTIDOS ENTRE A TEXTUALIDADE E A ESCRITA DO SUJEITO SURDO NO FACEBOOK

Cleyce Carla Pereira da Silva ¹
Thatiana Silva Santos ²

RESUMO

As Tecnologias Digitais como ferramentas de comunicação, possuem grande importância para a interação comunicativa dos surdos, principalmente pelas redes sociais, em especial neste trabalho, o Facebook, onde eles têm a possibilidade de se expressarem em duas modalidades linguísticas; a LIBRAS como L1 e o Português como L2 em sua forma escrita. Diante do exposto, percebeu-se a necessidade de explorar a rede social citada, para pesquisar textos produzidos por sujeitos surdos que atendessem ao objetivo da pesquisa que é analisar se esses textos apresentavam ou não os Elementos da Textualidade, responsáveis por conferir sentido completo ao texto e objeto de investigação deste trabalho. Assim, para a composição do *corpus* desta pesquisa, foi escolhido um texto na rede social citada, que pudesse responder ao questionamento: como se configura a produção do texto e do discurso da pessoa surda em redes sociais, em especial do Facebook, no que diz respeito aos Elementos da Textualidade? Eles são contemplados ou não? Para tanto, a pesquisa realizou-se utilizando como metodologia uma pesquisa de natureza qualitativa de análise descritiva, com resultados parciais sinalizando para o usos dos Elementos da Textualidade no texto analisado, além de ser dividida entre revisão bibliográfica à luz de autores como Bakhtin (2003), Costa-Val (1999), Koch (1997:2004), Silva (2001) e Spadaro (2013) dentre outros.

Palavras-chave: Texto, Textualidade, Escrita de Surdo, Facebook.

INTRODUÇÃO

A riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas, assim como são inesgotáveis as esferas de atividade humana. Essa diversidade levou Bakhtin (2003) a distinguir os gêneros do discurso em primários e secundários. Assim o texto analisado, classifica-se como primário, pois foi constituído em uma circunstância de comunicação verbal do cotidiano, a partir do Gênero Digital, na esfera das redes sociais, mais precisamente o Facebook, para construção de sentido do texto analisado. Nas palavras de Spadaro (2013) a tecnologia era vista antes como elemento que marcava status industrial avançado e fonte de progresso econômico,

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Letras-Libras da Universidade Federal do Maranhão - UFMA,; carla.cleyce@discente.ufma.br;

² Graduada do Curso de Licenciatura em Letras-Libras da Universidade Federal do Maranhão - UFMA thatiana.santos@discente.ufma.br;

hoje este consenso mudou significativamente e ela passa a ser vista como um marco de avanço das novas formas de relações e interações interpessoais humanos, trazendo assim, grande proeminência às redes sociais tornando-as lugares de compartilhamentos discursivos, imagéticos e uma infinidade de discursos. Como marco neste paradigma, as redes sociais impulsionadas pelo advento da internet, propiciam inúmeros usos e comportam centenas de milhares de usuários. Nesta miscelânea de eventos, insere-se os Sujeitos surdos o qual encontram ricas oportunidades de serem visualizados, de expressarem abertamente seus posicionamentos, etc.

Recorremos como aporte teórico à Koch (1997;2004) por possuir inúmeros estudos sobre os Elementos da Textualidade assim como Costa-Val (1999), a saber: coesão, coerência, intencionalidade, aceitabilidade situacionalidade, informatividade e intertextualidade. Tecendo ainda, sobre o assunto faz-se referência aos estudos dos Gêneros do Discurso enquanto atividade dialógica, defendidos por Bakhtin (2003), por entender que o discurso também é texto e se realiza na linguagem em uso, característica importante para a textualidade. Dessa forma, esse trabalho objetiva analisar como o Sujeito surdo, autor do texto analisado, organizou os Elementos da Textualidade em seu texto escrito, em especial nesse gênero denominado digital, da rede social Facebook, além de descrever as ocorrências de possíveis significações produzidos no texto, a partir da Língua Portuguesa como L2, com a finalidade de entender como os sentidos do texto foi construído.

Essa análise, torna-se necessária por entender que alguns Sujeitos surdos têm dificuldade em produzir textos na modalidade escrita da Língua Portuguesa, mesmo sendo essa temática amplamente discutida, principalmente no que versa sobre a estrutura gramatical das duas línguas, Portuguesa e Libras, nas produções textuais, embora pouco mencionada sobre o discurso produzido.

Dessa forma, entende-se pelos pressupostos da Linguística Textual que considera o texto como sendo a unidade básica da interação entre os sujeitos e nesse sentido, os Elementos da Textualidade exercem a função de aproximar quem produz os discursos do receptor, traçando entre eles funções socioculturais preponderantes no processo da comunicação.

Por esta razão questiona-se: como se configura a produção do texto e do discurso da pessoa surda em redes sociais, em especial do Facebook, no que diz respeito aos Elementos da Textualidade? Eles são contemplados ou não?

METODOLOGIA

Considerando a Teoria do texto, em especial nas palavras de Marcuschi (2012) sobre ser o texto uma unidade comunicativa, sugerindo então, a importância em considerar a escrita também como linguagem em uso. Há necessidade de análises mais particulares sobre essa temática, considerando atentamente a Língua Brasileira de Sinais. Assim, a metodologia utilizada neste trabalho de pesquisa, iniciou-se com a coleta do *corpus* de investigação, no caso um texto de Sujeito surdo, em seguida passou-se para análise textual com foco nos Elementos da Textualidade objetivo da investigação, e por fim, os resultados da pesquisa. O *corpus* do trabalho é composto por um texto do gênero textual digital, retirado da rede social Facebook.

Desse modo, a presente pesquisa identifica-se com uma pesquisa de natureza qualitativa de análise descritiva dividida entre revisão bibliográfica e composição do *corpus* à luz de autores como Bakhtin (2003), Costa-Val (1999), Koch (2004), Silva (2001) e Spadaro (2013) dentre outros.

REFERENCIAL TEÓRICO

Texto e Textualidade

Para que melhor se faça entender os interlocutores, é preciso primeiro, que sejam tecidos comentários acerca do conceito de texto. Bakhtin (2003) diz que o texto sempre irá representar a realidade imediata dos atores envolvidos no discurso, sendo elas; emocionais, racionais ou de qualquer natureza. Ele defende a posição de que quando não existem tais pensamentos, não há motivo do texto existir, o que se traduz em motivação, intenção por trás de todo ato enunciativo e portanto, anula a ideia de neutralidade.

Costa-Val (1999, p.3) discorre a esse respeito evidenciando que o texto por si só não tem a capacidade de se auto significar. Assim, conceitua o texto escrito ou oral como “uma unidade de linguagem em uso” ou até mesmo como “ocorrência linguística falada ou escrita de qualquer extensão, dotada de unidade sociocomunicativa, semântica e formal” é impróprio então, caracterizá-lo como um emaranhado de palavras e frases isoladas de uma dada situação de negociação de sentidos entre quem os concebe e quem os recebe.

Carece ao texto características que lhe nomearão como unidade linguística comunicativa básica, pois na trama da significação, o discurso enunciado precisa ter uma dada estrutura que faça tanto o locutor – ou enunciadador como Bakhtin (2003) trata – e interlocutor – ou enunciatário – discutirem o texto significativamente. Costa-Val (1999) diz que o texto precisa

cumprir uma série de papéis que atuarão nas situações sociocomunicativas que determinam ou condicionam sua produção ou recepção e influencia diretamente na produção dos sentidos.

São elementos desse processo, as particularidades que cada ato da comunicação supõe, a saber: “as intenções do produtor, o jogo de imagens mentais que cada um dos interlocutores faz de si, do outro e do outro em relação a si mesmo e ao tema do discurso e ao espaço de perceptibilidade visual comum face a face” (COSTA-VAL, 1999. p: 4). Nessa perspectiva, de posse desses conhecimentos referentes à situação comunicativa, é possível saber por exemplo, o que é adequado expressar em determinado momento e o que não é.

Outro elemento que confere fundamental importância no ato comunicativo é o “contexto sociocultural”. Este é um elemento que condicionará a produção e recepção de sentidos, pois é a partir dele, que os participantes do discurso partilham de conhecimentos inerentes ao que enunciam, sendo possível fazer sobressair a partir dos atos comunicativos, elementos que delimitam o uso de determinadas posturas, expressões, monitoramentos na fala, algo que a autora alcunha como “etiquetas sócio comunicativas” (COSTA-VAL, 1999.p: 4).

A segunda propriedade que o texto necessita ter segundo a autora em discussão é o fato de ele -o texto- se constituir como uma unidade semântica, ou seja, o texto precisa ser um todo significativo. Desse modo, o texto será recebido com efetividade ou não e atribuí à coerência como sendo o fator do qual resulta o sentido do texto, objeto de interesse desta pesquisa a partir da análise dos Elementos da Textualidade.

Como característica final, o texto se organiza “por sua unidade formal, material”, e o que isso significa na visão de Costa-Val (1999), que suas unidades linguísticas constituintes devem se apresentar evidentemente interligados, de modo a sobressair na sua superfície um todo coeso. Nessa perspectiva, um texto quando bem compreendido, será avaliado de acordo com três aspectos; o pragmático: versando sobre seu funcionamento enquanto protagonismo informacional e comunicativo transparecendo na sua superfície; o semântico-conceitual, de que subjazem o sentido, e por último, o aspecto formal, fazendo referência à coesão. Diante do exposto, a textualidade é entendida como “o conjunto de características que fazem com que um texto seja um texto e não apenas, uma sequência de frases” (COSTA-VAL, 1999. p: 5). Essas características, ou melhor dizendo, “elementos” se relacionam com a matéria conceitual e conhecimentos linguísticos do texto a saber: coesão e coerência, e a relação pragmática envolvida no processo sociocomunicativo: intencionalidade, aceitabilidade, a informatividade e a intertextualidade.

Os Elementos da Textualidade

A relação entre do dialogismo de Bakhtin (2003) e os Elementos da Textualidade segundo Koch (1997) se apresentam de maneira intrínseca, pois do ponto de vista da construção dos sentidos, o texto sempre apresentará a passagem de várias opiniões, desde as que concordam e também as que discordam. Os enunciadores são plurais e trazem à enunciação essa diversidade compartilhando reações o que enfim, sempre deixa algum tipo de marca.

Iniciando com um dos primeiros elementos, a coerência, a qual resulta da interação entre texto e leitor, e para (KOCH, 2004, p.43): “O que se tem defendido é que a coerência resulta de uma construção dos usuários do texto, numa dada situação comunicativa, para qual contribuem, de maneira relevante, todos os fatores [...]”. Koch (2004) deixa clara a proeminente parcela de contribuição que a coerência dá ao texto e a qualquer situação comunicativa\discursiva.

Costa-Val dialoga com a afirmação anterior a respeito do conceito de coerência, ela afirma que “ a coerência resulta da configuração que assumem os conceitos e relações subjacentes à superfície textual. É considerada fator fundamental da textualidade, porque é responsável pelo sentido do texto. ” (1999.p: 5). Desse modo, esse elemento não opera apenas no plano semântico, mas também, no plano da cognição, à medida que depende do compartilhamento de conhecimentos entre os sujeitos atuantes do discurso.

A coesão, fator que segundo Koch (2004, p. 41), “provém da forma como as relações lógico-semânticas do texto são expressas na superfície textual. Já Costa-Val (1999. p: 5) a define de maneira mais objetiva: “é a manifestação linguística da coerência(...). Responsável pela unidade formal do texto, constrói-se através de mecanismos gramaticais e lexicais”. Podemos citar como exemplos de mecanismos coesivos gramaticais: o uso dos pronomes anafóricos, os artigos, a concordância, a correlação entre os tempos verbais, as conjunções. Já a coesão lexical se faz pela reiteração – repetição de um item lexical por exemplo - , por substituição -expressa a ideia de sinonímia, antonímia, hiponímia, hiperonímia - e pela associação – processo em que possibilita o uso de termos referentes a mesma temática fazendo menção ao mesmo evento-. Os elementos coesivos tratados anteriormente sugerem ao discurso eficiência na medida em que tornam a superfície textual mais econômica e organizada.

Adiante, um elemento que chama diretamente ao protagonismo do ato de comunicação, a intencionalidade. Esse elemento: “diz respeito ao valor ilocutório do discurso, elemento da maior importância no jogo de atuação comunicativa” (COSTA-VAL, 1999 . p: 11). Assim, o produtor do texto tem uma dada configuração mental que o faz esquematizar suas atitudes em torno do que planeja para quem irá receber esse texto numa dada situação comunicativa. Sua

intenção pode ser a de informar, estarrecer, amedrontar, desabafar, enfim, uma série de ideias que giram em torno do “chamar atenção” do interlocutor. Assim, qualquer ação que se configure como uma tentativa de “chamar atenção” do interlocutor, tem a intenção de fazê-lo. Isso significa que a contrapartida da intencionalidade seria a aceitabilidade o qual se configura como um fator que mais uma vez, evoca o outro no processo discurso, e especificamente, “concerne à expectativa do receptor de que o conjunto de ocorrências com que se defronta seja um texto coerente, coeso, útil e relevante, capaz de levá-lo a adquirir conhecimentos ou a cooperar com os objetivos do produtor” (COSTA-VAL,1999. p: 11).

Evocando os “elementos” responsáveis pela pertinência e relevância do texto na visão da autora em discussão, a situacionalidade é o fator que promove a adequação do texto à situação sociocomunicativa. Esta também tem a missão de regular tanto a produção quanto a recepção do texto uma vez que o sentido ou reconhecimento daquele é feita pelo contexto em que ocorre. É possível, a partir do contexto expressar de maneira que os interlocutores venham a compreender sobre o que intenciona o locutor e este por sua vez, necessita ter o entendimento prévio do que e de como enunciar, pois é também a partir desse processo que ambos se compreendam ou não – pois afinal, essa também é uma possibilidade.

Outro elemento que chama atenção dos protagonistas do discurso é o grau de informatividade que o texto apresenta. Disto, afirma (COSTA-VAL,1999, p: 14) depende “o interesse do receptor pelo texto”. Esse fato se relaciona diretamente às informações expostas no texto; aquelas que se acrescentam ao conhecimento de mundo do interlocutor, as que já são existentes. Assim, diz a autora que é preciso que a progressão das ocorrências dentro do texto, é recomendável que se mantenha um nível de informações, observando que “um texto totalmente “inusitado” (COSTA-VAL,1999.p: 14) seja motivo para o receptor rejeitá-lo, assim como um nível muito razoável de informações sem muita seja novidade, não desperte o interesse do interlocutor.

E por último, o elemento, intertextualidade que concerne aos fatores que fazem a utilização de um texto dependente do conhecimento de outro (s) texto (s) ” (COSTA-VAL, 1999) assim, um texto que por ventura tenhamos e divulgamos como nosso é feito mesmo assim a partir da contribuição de outros textos. Essa é a essência da enunciação para Bakhtin (2003), o dialogismo mostrando sempre a sua face polifônica. Assim, muitos textos só fazem sentido quando são entendidos a partir da leitura de outros textos, algo que facilitará a compreensão do primeiro.

Com o advento da internet, os surdos puderam lançar mão de recursos como computadores, celulares, tablets, e outros. Esses dispositivos tecnológicos assistem o surdo e outros com limitações sensoriais, facilitando assim para o primeiro, a quebra de barreiras comunicativas - mas não totalmente - necessitando a depender do conteúdo disposto, ferramentas que facilitem a comunicação e minimizem as barreiras comunicacionais. O intérprete de Libras é, desse modo, uma das melhores opções para solucionar essa questão.

A questão central proposta nesta pesquisa além de investigar os elementos da textualidade no texto elegido é destacar a relação do uso que o Sujeito surdo faz da Língua Portuguesa na modalidade escrita no facebook. Assim, trazendo novamente Spadaro (2013) à discussão, onde afirma que a internet não é apenas um instrumento de comunicação, mas um espaço de surgimento, divulgação e intensificação de cultura e cria novos territórios de acordo com o uso que dela se faz. O sujeito surdo nas redes sociais, conversa, dissemina informações, trabalha, e junto com suas variadas ações na rede, fazem uso constante da escrita, do texto e portanto, do discurso. Corroborando com pensamento da diversidade que as redes sociais proporcionam às pesquisas no âmbito da linguagem, Araújo e Leffa (2016, p:6) dizem que elas: “sorvem e reinterpretam uma infinidade de esferas das atividades humanas (...) e expandem nichos que se mostram como ambientes adequados para a realização de uma diversidade de práticas discursivas”.

É oportuno também mencionarmos que estando os diversos públicos a par do uso constante das redes, a relação que eles constituem uns com os outros não se pauta necessariamente numa realidade presencial, em virtude da constituição deste espaço peculiar - o ciberespaço - e portanto, há espaço para a não “presença” dos indivíduos. Contudo, o Sujeito surdo se destaca pelo uso peculiar do Português na modalidade escrita, tal situação é alvo por vezes, de críticas, chacota, e incompreensões por parte dos interlocutores, o que nós como pesquisadoras não corroboramos e sim, caminhamos em direção da tentativa de elucidação de tais processos. Sabe-se que legalmente, - Lei 10.436 de 21 de Abril de 2002 - a Libras não pode substituir a modalidade escrita do Português, o que sugere grande desafio e esforço dos sujeitos envolvidos em prol de uma comunicação sem barreiras para com os surdos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A construção de qualquer texto, exige do autor um nível elevado de “letramento” sobre a temática que irá desenvolver, por isso é imprescindível ter um grau de compreensão acerca do que pretende passar ao interlocutor, para assim fazer-se entender e não só perceber o assunto por inferências, mas conseguir dialogar com o autor e o texto.

É perceptível a dificuldade da maioria dos surdos em produzir textos em Língua Portuguesa, sua L2, na modalidade escrita. Tornando relevante um aprofundamento do que está sendo produzido pelos surdos, não apenas no âmbito escolar, mas também em meios informais. Como é o caso do *corpus* deste trabalho, representado por um texto de Sujeito surdo, retirado de um grupo da rede social Facebook.

Assim, essa análise de dados sobre a escrita de um Sujeito surdo, tem a finalidade de verificar como esse texto foi construído, na perspectiva dos Elementos da Textualidade, tendo em vista o relato de Silva (2001, p. 48), quanto ao desconhecimento desse Sujeito surdo sobre a função social da escrita, ainda que esteja inserida no contexto escolar, a autora afirma “Os problemas dos surdos com a aquisição da escrita estão mais relacionados à aquisição e ao desenvolvimento de uma língua efetiva que lhes permita uma identidade sociocultural ou seja, “estar insertos no contexto social.” Por meio desta afirmação partiremos para as análises do texto selecionado, considerando portanto, se os surdos utilizam os Elementos da Textualidade: coesão, intencionalidade, coerência, aceitabilidade, situacionalidade, informatividade e intertextualidade.

Texto Analisado:

27 de setembro às 03:22 · Teatro com interpretes...

Pessoal para (ouvintes), muito importante! Vocês tem que entender simples, eu odeio quando vocês me chamando de "MUDO, MUDINHO, BURRO, FALA MAL NA COSTA DE MIM, não sabe o que escrever de português". Qual é a problema? Mas não EXISTE porque os mudos é tipo as pessoas não falam ou não gritam nada, me dá licença? Não me chamar de "mudo ou mudinho" e talvez, eu grito sim, chamo o nomes das minhas famílias, tenho a minha voz de risada, briga e tenho muitos outros. Não me chama de "surdo-mudo", mas eu sou surdo SIM e não sou mudo! Só que vocês não sabem o que é significado. Não tenho vergonha de ser surdo. Qual é o problema? Eu sou surdo alguém tem problema? Eu não tenho culpa, foi Deus criou, claro que eu te respeitam a todos diversidade de pessoas, mas vocês me respeitam também, né. Não precisa gritar comigo mesmo que eu consigo de ver, pois é eu sou muito visual, entendeu? Eu não tenho vergonha com as pessoas e alguns me zoam que eu não ligo pra isso... e as pessoas não sabem nada da minha vida, se quando vocês ter um filho(a) >>> "deficiência qualquer um" <<< e pode acontecer e aí? porque não tem como me responder, né? Tem que fica humilde e ligada! Eu tenho orgulho, eu sou surdo e daí? Eu sou capaz fazer tudo para coisas. Mas quem é pessoas ter preconceito e também ter sem vergonha de si mesmo, e daí? Esperando que vocês estão entendido que estou falando!!! Quem fizeram uma merda, eu vou te bloquear o momento que não tem desculpa mais nada. Hoje é dia 26 de setembro é o Dia Nacional do Surdo, uma data muito especial e que nos relembra a história e a luta dessa comunidade. Obrigada a todos. Deus te abençoados para todos. Amém

Fonte: Facebook

No que diz respeito à coesão, o texto em análise apresenta coesão do tipo gramatical com o uso de recurso anafórico -tal como Costa-Val (1999) define - quando a autora do texto usa a forma “vocês” se referindo aos ouvintes no início do parágrafo, assim como o uso da vírgula para sequenciar os termos adjetivos bem expressos em: “...**eu odeio quando vocês me chamando de "MUDO, MUDINHO, BURRO..."**”. A autora do texto em análise também utiliza a coesão lexical marcada pela recorrente repetição dos termos **mudo** e **surdo** para dar ênfase explicativa de que esses termos apresentam conceitos antônimos à pessoa surda -que é nesse caso, a produtora do texto.

No texto em análise a coerência encontra-se em todo o texto, pois o locutor deixa claro seus objetivos de forma que a interação pelo contexto apresentado se sobressaia de maneira evidente, uma vez que mostra a sua indignação em relação a forma como é tratada pelos ouvintes, “....**Não me chama de "surdo-mudo", mas eu sou surdo SIM e não sou mudo! Só que vocês não sabem o que é significado. Não tenho vergonha de ser surdo. Qual é o problema? Eu sou surdo alguém tem problema?..."**”. Outro trecho em que podemos perceber a situação comunicativa, característica da coerência, entre os interlocutores: “... **Hoje é dia 26 de setembro é o Dia Nacional do Surdo, uma data muito especial e que nos relembra a história e a luta dessa comunidade..."** Impossível, o não entendimento! Portanto, essa relação

entre o autor e texto discutidos por Koch (2004) expressada pela coerência dentro do texto em análise, é muito bem conferida segundo nossas análises.

Pode-se afirmar que no texto em análise, apesar da estrutura sintática não obedecer em alguns pontos à da Língua Portuguesa, a autora lança mão dos recursos argumentativos ao seu alcance para expressar suas opiniões por meio de um desabafo, um apelo para as pessoas que se utilizam de conceitos ultrapassadas a respeito da pessoa surda. No texto, há um claro direcionamento da autora, “**...Pessoal para (ouvintes), muito importante!...**” para os que segundo ela, fazem conceituações pré-concebidas por ela ser surda, e ela por sua vez, deixa bem clara a diferença de conceitos como **surdo** e **mudo**, o que na nossa opinião, consegue com efetividade.

Desse modo, o texto em análise tem sua aceitabilidade condicionada ao conhecimento ou desconhecimento dos interlocutores pela maneira em como alguns surdos fazem uso da língua portuguesa, “**...não sabe o que escrever de português". Qual é a problema? Mas não EXISTE porque os mudos é tipo as pessoas não falam ou não gritam nada, me dá licença?**”, ou seja, se a pessoa não tem o costume ou contato com textos escritos de pessoas surdas ou mesmo não acompanham sua sinalização, em primeiro momento, estranham o fato de como eles – e nesse caso em particular – não usam as construções sintáticas da Língua Portuguesa. Assim, entendemos como Costal-Val (1999) que o texto de se torna aceitável quando é compreendido, relevante, intencional e por isso obviamente, tem um teor considerável de coerência, o que também está intimamente ligada aos contextos e situações comunicativas dos interlocutores em interação. Assim, concluímos que este elemento é negociável considerando o texto em análise bem como numa visão geral da escrita do sujeito surdo.

O texto analisado é produzido no contexto-situação das redes sociais, gênero digital, considerado excelente meio de comunicação em que os interlocutores podem expressar à vontade suas opiniões: “**...Eu tenho orgulho, eu sou surdo e daí? Eu sou capaz fazer tudo para coisas. Mas quem é pessoas ter preconceito e também ter sem vergonha de si mesmo, e daí? Esperando que vocês estão entendido que estou falando!!!...**”

Quanto à informatividade, há um trecho em que ela claramente apresenta um grau de novidade expressa em: “**... Hoje é dia 26 de setembro é o Dia Nacional do Surdo, uma data muito especial e que nos lembra a história e a luta dessa comunidade.**” Nem todo ouvinte sabe a data que se comemora o Dia Nacional do Surdo e esse trecho serve de informação nova dentro do texto.

A intertextualidade é observada no texto quando a autora diz que: “**...Eu não tenho culpa, foi Deus criou, claro que eu te respeitam a todos diversidade de pessoas, mas vocês**

me respeitam também, né...” Percebe-se que há relação de outros textos, quando é citada a questão da diversidade, de referências do meio da fé citando a presença de sua divindade provando os conhecimentos da autora do texto em análise, em outros textos, sobre o assunto corroborando com os conceitos sobre intertextualidade de Costa-Val (1999) e a polifonia mencionada por Bakhtin (2003).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível constatar por meio da análise da produção textual de uma pessoa surda a presença de muitos dos elementos da textualidade discutidos no corpo deste trabalho, mesmo que de maneira básica. A maneira em como foi utilizado os elementos de reiteração, dando destaque a constante repetição de termos, a utilização de elementos que retomassem algo dito por meio de perguntas e o acréscimo de informações novas a quem o lê, bem como a presença de outras leituras para que a autora produzisse tal texto.

Destacamos que a intenção aqui não foi atribuir juízo de valores negativos à escrita da pessoa surda por conta das especificidades que inclui tal processo o qual, inclusive, leva-se em consideração a constante presença da sua língua de identificação que é a Libras na estrutura escrita da Língua Portuguesa e, portanto, sua segunda língua.

Assim, a coleta do *corpus* - o texto do Sujeito surdo em análise - foi possível devido à considerável democratização do espaço das redes sociais ocupados por incontáveis pessoas mundo afora, os surdos, registram presença marcante nesse espaço, o que lhe confere oportunidade de se expressar livremente, direito constitucional assegurado tanto pela modalidade escrita da Língua Portuguesa quanto pelo uso da Libras servindo de oportunidade para pesquisadores e públicos afins, com interesses e leituras diversas sobre questões relacionadas à língua e tantas outras temáticas.

Nessa perspectiva, as relações dialógicas se mostram presentes na medida em que um texto toma o outro numa trama discursiva de maneira rápida, pois em virtude desse canal de comunicação - Facebook - que tem esse objetivo de ser rápido, ligeiro, as pessoas se dão a conhecer e possibilitam comungar de opiniões diversas com a simples visualização de uma postagem mostrando assim considerável importância como *corpus* de análise visando também inúmeras outras perspectivas.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Júlio; LEFFA, Vilson. (org.) Redes sociais e ensino de línguas: o que temos de aprender? - 1ª ed. São Paulo, **Parábola Editorial**, 2016.

BAKHTIN, M. M. Os gêneros do discurso. In: Estética da criação verbal. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: **Martins Fontes**, 2003.

BRASIL. Lei nº 10.436, 24 de Abril de 2002. **Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras - e dá outras providências.** Brasília, DF. 2002. Disponível em: <planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/10436.htm> Acesso 20. set.2020.

COSTA-VAL, Maria da Graça. Redação e Textualidade – 2ªed. – São Paulo: **Martins Fontes**, 1999.

KOCH, I. G. V. O texto e a construção dos sentidos. São Paulo: **Contexto**,1997.

KOCH, I. G. V. Introdução à Linguística Textual. São Paulo, **Martins Fontes**, 2004.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Linguística do texto: o que é e como se faz? São Paulo: **Parábola Editorial**, 2012.

PONTES, Estela. Texto Retirado do Grupo Surdos e Intérpretes Brasil – **Facebook.com**. - Acesso: 27.out. 2020.

SPADARO, Antônio. Web 2.0: redes sociais. - 1ª ed. São Paulo, **Paulinas**, 2013.

SILVA, Marília da Piedade Marinho. A construção de sentidos na escrita do aluno surdo. São Paulo: **Plexus**, 2001.